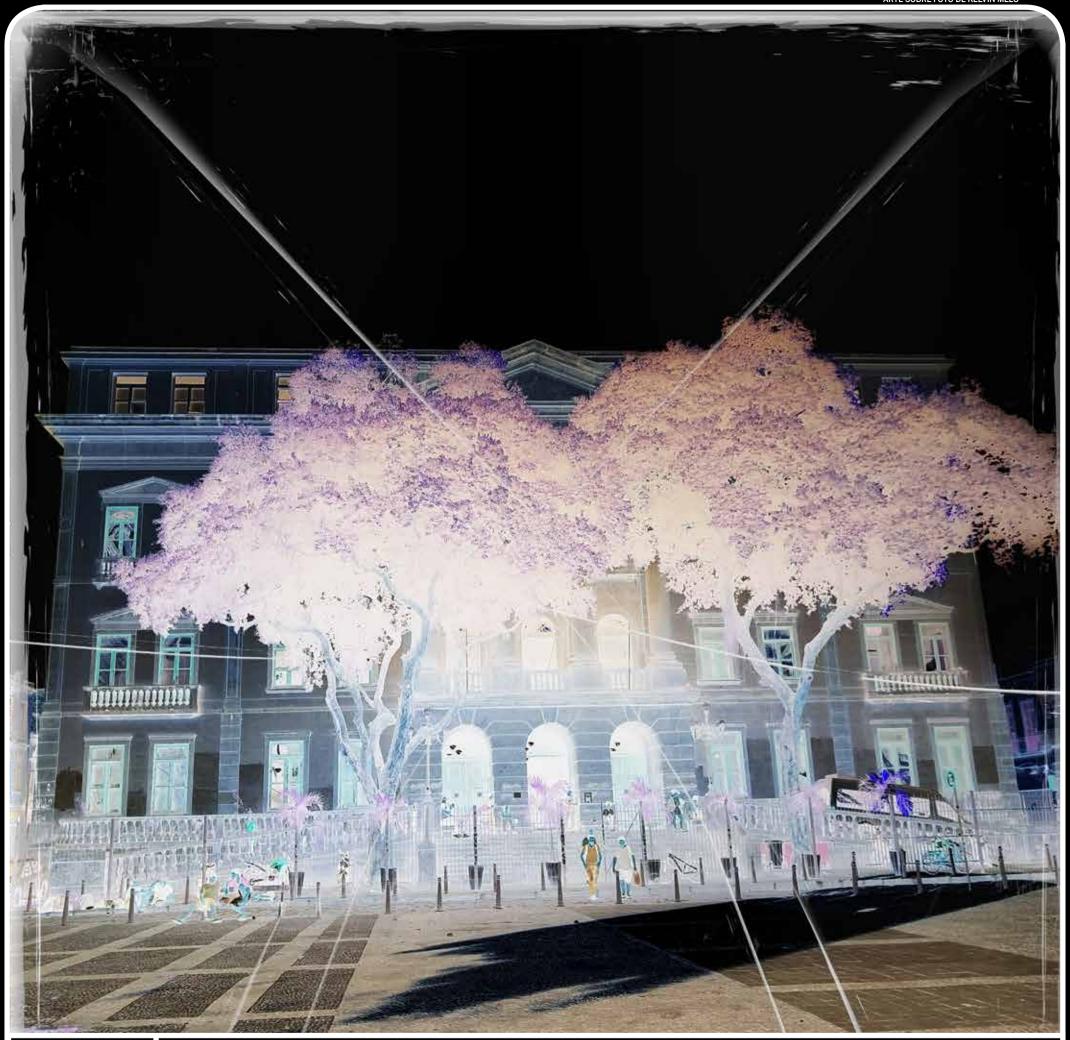
1322 - 21 de junho de 2024 - www.adufrj.org.br - TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ARTE SOBRE FOTO DE KELVIN MELO



IFCS-IH

Largo de São Francisco, Centro do Rio

RADIOGRAFIA de um prédio adoecido por problemas estruturais e disputas políticas



AdUFRJ notifica reitoria sobre agressões a docentes

#OrgulhoDeSerUFRJ

> Diretoria entregou ofício ao reitor Roberto Medronho. Carta dá ciência à Administração Central de impedimentos enfrentados por professores em seus locais de trabalho. Categoria não está em greve

SILVANA SÁ

silvana@adufrj.org.br

AdUFRJ participou na terça-feira, dia 18, de uma reunião convocada pelo reitor, com as demais entidades representativas dos segmentos da UFRJ (Sintufrj, DCE e APG). Na pauta, informações sobre a recomposição orçamentária (publicadas na edição passada do Jornal da AdUFRJ) e sobre as greves dos técnicos e estudantes. Na ocasião, a diretoria da AdUFRJ entregou um ofício ao reitor. Veja a íntegra do documento ao lado.

A carta da AdUFRJ expressa preocupação com conflitos ocorridos nas dependências de algumas unidades cujos estudantes aderiram à greve. Barricadas têm impedido a livre circulação dos professores, acesso a salas, laboratórios e materiais de trabalho. "Nós trouxemos o problema ao conhecimento da reitoria para que fique registrado que há uma indignação dos docentes",



PREOCUPAÇÃO Vice-presidente da AdUFRJ entrega carta ao reitor

frisou a professora Nedir do Espirito Santo, vice-presidenta da seção sindical. "Em vários lugares estão se repetindo agressões verbais, constrangimentos a professores. É preciso que a administração central saiba o que está acontecendo", criticou.

A professora explicou que a AdUFRJ respeita o direito de greve dos estudantes e frisou que a intenção não é de intervir na movimentação política dos alunos. "Nós estamos falando de respeito, de uma atitude cidadã, de diálogo". A diretora relatou, no encontro, a denúncia do Instituto de História de que um docente do IFCS teria agido contra uma professora substituta que estava dando aula. "Um professor deve respeitar sua categoria", disse Nedir. Veja detalhes do

caso na página 7. A professora Veronica Damasceno, também diretora da AdU-FRJ, relatou outras situações de agressão na Escola de Belas Artes. "Há uma falta de respeito muito grande dos estudantes com os professores, um clima

> entidades têm pontos comuns. Repudiamos a agressão física e oral, mas impedir de ir e vir é

DINHEIRO AINDA NÃO ENTROU

Nos informes sobre o orçamento da UFRJ, o reitor contou aos representantes que os recursos previstos para integrar o orçamento de custeio, os investimentos e as obras do PAC ainda não chegaram ao caixa da uni-

de muito constrangimento e ânimos muito acirrados. Está muito difícil".

O reitor Roberto Medronho recebeu o ofício e disse estar triste com o embate entre professores e estudantes. "Eu fico muito preocupado com essas posturas mais agressivas que, infelizmente, não se diferenciam de quem quer implantar a ditadura nesse país", disse o dirigente. "Defendo o direito de ir e vir de qualquer servidor e estudante nesta universidade. Há o direito de greve, mas há o direito de ir e vir", completou.

A entrega do documento gerou reação da representação do DCE Mário Prata. "Nós temos direito de nos manifestar, porque estamos em greve pelo direito de ter aula com dignidade. Eu me sinto muito incomodada com essas colocações nesse espaço", criticou a estudante Camila Paiva. Ainda segundo a estudante, o Centro Acadêmico da EBA emitiu um pedido de desculpas público por ações, segundo o DCE, isoladas de desrespeito aos docentes.

O Sintufrj defendeu o diálogo, mas apoiou os estudantes. "As relativo. Os estudantes impediram a aula. Não agrediram ninguém.", justificou o coordenador Esteban Crescente.

anunciados para o custeio das instituições, a reitoria espera receber de R\$ 8 a R\$ 10 milhões, além dos R\$ 110 milhões para os hospitais que aderiram à Ebserh. Há, ainda, uma solicitação de mais R\$ 80 milhões para a segunda fase da obra do "paliteiro", para o término do aloiamento estudantil ao lado do Centro de Ciências Matemáticas

versidade. Dos R\$ 400 milhões e da Natureza (CCMN), e para o término das estruturas modulares para assistência estudantil ao lado do Cenpes. "São todas previsões. A única coisa certa são os R\$ 110 milhões, mas nada disso chegou ainda", destacou o reitor. Pró-reitorias de todas as áreas participaram do encontro.

> Veja a íntegra da carta entregue ao Reitor

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2024 Ofício nº 006/2024

Ao Magnífico Reitor da UFRJ Professor Roberto de Andrade Medronho

Prezado Senhor,

Escrevemos esta carta com grande preocupação

Nas últimas semanas, a diretoria da AdUFRJ foi procurada por diversos docentes, aflitos com o clima de hostilidade em seus locais de trabalho.

Há sucessivos relatos de professores impedidos de acessar salas de aula, laboratórios e corredores. Há depoimentos entristecidos de colegas intimidados por estudantes. Na Escola de Belas Artes e no IFCS, os registros de barricadas se repetem com carteiras e mesas novas empilhadas.

Sabemos que a situação predial da UFRJ está dramática em diversas unidades acadêmicas. Temos denunciado as precárias condições de ensino e pesquisa. Entendemos e respeitamos o movimento grevista discente. Discordamos, no entanto, dos métodos usados. De forma democrática e, por ampla maioria, os professores da UFRJ rejeitaram por duas vezes a adesão ao movimento grevista nacional. Não estamos em greve. Somos servidores públicos e temos compromisso com nossa rotina acadêmica, com nossos alunos e com o cidadão brasileiro. Não é ético nem lícito que nosso acesso ao nosso ambiente de trabalho seja vedado

Certos de que a UFRJ é de todas e todos e que a produção do conhecimento deve ser livre e nública, solicitamos atitudes concretas e urgentes.

Atenciosamente, Diretoria da AdUFRJ-SSind

BALANÇO DA GREVE DE DOCENTES NO PAÍS

A greve nacional começa a dar sinais de enfraquecimento. Sindicatos de professores e de técnicos pelo país já indicam o fim da greve nacional das categorias. Pouco a pouco, assembleias definem se mantêm o movimento ou se aprovam a proposta do governo, que trouxe ganhos adicionais apenas em pautas não econômicas. Mais de 20 instituições sinalizaram a saída do movimento.

Em relação à pauta financeira, o Ministério da Gestão voltou a afirmar que não haverá mudanças no documento já assinado pelo Proifes, mas, se houver aceite do Andes e do Sinasefe, o reajuste previsto para maio de 2026 poderá ser antecipado para abril.

Diante da posição do governo, o Andes indicou rodadas de assembleias nas universidades que estão em greve. Uma das consultas é se as seções sindicais devem indicar a saída unificada da greve.

Nas últimas semanas, UFMG e UFG já haviam decidido acabar com a paralisação. Nesta semana, outras instituições acompanharam o posicionamento.

No Rio de Janeiro, a Federal Rural é a única universidade que apontou a data do fim da greve. O retorno às salas de aula acontece no dia 26 de junho. A assembleia também aprovou a assinatura do acordo com o governo, e a indica-

ção do fim da greve nacional até 3 de julho.

A UFF aprovou o indicativo de saída unificada de greve para o dia 1º de julho, com nova assembleia de avaliação no dia 27.

Já a UniRio aprovou, no dia 20, a "construção de saída coletiva da greve nacional", mas sem data estipulada. Segundo a assessoria de imprensa da Adunirio, os professores rejeitaram as propostas encaminhadas pelo MEC e MGI nas últimas mesas de negociação.

Já na educação básica carioca, o Colégio Pedro II votou pelo fim da greve, mas condicionou o retorno ao trabalho à assinatura do acordo. O CEFET/RJ aprovou

"a construção da saída coletiva da greve", mas não indicou data. Os professores também condicionaram o retorno ao trabalho à assinatura do acordo.

SITUAÇÃO PELO PAÍS*
IM DA GREVE
• UFSC
• UFMG
• UFG
• UNB
• UFMS
• UFOP
• UFSM
• UFPB
• UFCG
• UNIFESP
• UFRRJ
• UFSCAR

• UFABC
• UFPR
• UNIRIO
• UFF
• UFC
• UFCA
- UNILAB
• UFJF
• UFPA
MANUTENÇÃO DA GREVE
•UFMT
•UFPEL
-FURG
UFV
•UFS
•UFPE
• ADUFLA
• UFPI
*Até o fechamento desta ediçã
*Até o fechamento desta ediçã

mudanças acadêmicas > Conselho de Ensino de Graduação votou medidas para beneficiar estudantes grevistas e ampliou direito a todos os discentes. Prazo de trancamento especial fica aberto até 26 de junho SILVANA SÁ silvana@adufrj.org.br

Conselho de Ensino de Graduação (CEG) aprovou na quarta-feira, dia 19, um conjunto de medidas - reivindicadas pela bancada estudantil do colegiado – que beneficiam especialmente estudantes em greve e são extensivas a todos os mais de 50 mil alunos de graduação.

Os estudantes justificaram o pleito por três motivos: a greve discente, questões de infraestrutura e a greve dos técnicos, que inviabilizou aulas práticas em vários cursos. A sessão, com mais de seis horas consecutivas. acabou somente às 16h40.

Pela decisão do CEG, está estabelecido um novo período de trancamento de disciplinas, que começou no dia 20 e vai até 26 de junho. Não será permitida a contagem de frequência para reprovação em 2024.1. Os conselheiros autorizaram, ainda, a redução do número mínimo de seis créditos a serem integralizados em 2024.1 e flexibilização dos critérios para manutenção de bolsas acadêmicas.

Jubilamentos ficam suspensos no atual semestre. Avaliações poderão ser aplicadas, mas será garantida segunda chamada para todos os estudantes que faltarem às provas, independentemente do motivo. Não houve unanimidade, mas praticamente toda a pauta estudantil foi

Apenas dois itens solicitados

pelos alunos foram rejeitados: o congelamento do calendário por unidades acadêmicas e a não contabilização das reprovações no cálculo do Coeficiente de

Rendimento (CR). O congelamento do calendário não foi aprovado, mas ficou acertado que a PR-1 poderá negociar com as unidades uma adequação das datas de procedimentos acadêmicos, desde que não haja prejuízos ou mudanças em 2024.2. Não houve pedido de suspensão do calendário geral. Alexandre Borges, aluno da

Letras, diretor do DCE, foi o relator do tema e defendeu as mudanças. "Nós vemos a situação da universidade de forma muito grave e por isso defendemos a greve. Por outro lado, respeitamos as consultas nos cursos. Reconhecemos a decisão grevista de 58 cursos e também de outras dezenas que não optaram pela greve. Por isso, nossa proposta é que a PR-1 analise o calendário em nível das unidades", explicou.

A UFRJ tem 176 cursos de graduação. Em mais de dois terços deles, os estudantes não aderiram à greve. Mesmo assim, o representante discente enfatizou a necessidade do período de trancamento especial. "A gente considera ruim o trancamento, mas quer evitar um mal maior, que é o excesso de reprovações", disse. "A gente quer aprender. E, para aprender, a gente quer ter a disciplina por inteiro, com condições de assistir", justificou.

Logo no início da reunião, a pró-reitora Maria Fernanda Quintela informou seu posi-

VOTAÇÃO no colegiado autorizou pacote de medidas que protege estudantes em greve. Apesar de algumas divergências, pauta estudantil foi aprovada quase na íntegra

CEG atende alunos e aprova

A gente considera ruim o trancamento. mas quer evitar um mal maior, que é o excesso de reprovações

ALEXANDRE BORGES Estudante da Letras e Conselheiro do CEG

cionamento. "Minha proposta desde o início é, independentemente da greve, que a gente converse curso a curso para adequações conforme as necessidades", disse. "A instituição não suspende calendário geral, porque a instituição não entra em greve".

O representante dos técnicos, Luiz Felipe Cavalcanti chegou a apontar preocupação com o período de trancamento especial. "A questão do trancamento para a gente é péssima, porque traz sobrecarga de trabalho. Não significa que a gente não vá fazer, mas é um ponto sensível para as secretarias acadêmicas".

"O tempo todo eu ouvi nas falas 'direito, direito, direito', mas a todo direito corresponde um dever", ponderou o professor Joaquim Martins, representante do CFCH. "Os pontos colocados são todos importantes, mas a gente tem que entender nossas diferenças", completou.

PONTOS DE VISTA

Os professores foram informados em comunicação enviada pela PR-1 no dia 20 de junho sobre as novas regras para o semestre letivo. Diretor da AdUFRJ, o professor Rodrigo Nunes da Fonseca expressa preocupação com as medidas aprovadas pelo CEG. "Recebi diversas mensagens de docentes descontentes com a decisão. Todos entendem que as questões estruturais e financeiras são graves, mas este não deveria ser um argumento para a flexibilização global", justifica Rodrigo.

"Os professores rejeitaram a greve em duas assembleias e continuaram lecionando, realizando pesquisa e extensão durante todo o período. Por que vamos flexibilizar faltas discentes, períodos de trancamento etc.?", questiona. "Não acredito que isso seja justo nem com os docentes, que optaram por não entrar em greve, nem com a maior parte dos alunos, que se dedicaram às suas atividades acadêmicas integralmente".

Professor do Instituto Politécnico de Macaé e da Coppe, Diego Malagueta também considera excessiva a pauta aprovada pelo colegiado. "O trancamento e segundas chamadas considero bastante pertinente. É esse tipo de solução que compete ao CEG deliberar. E afeta mais a vida do aluno, seu histórico escolar, do que o exercício profissional do docente", acredita. "Mas considero que certas decisões são até mesmo desrespeitosas com a classe docente", disse.

Uma das críticas é sobre a não

contagem de faltas para fins de reprovação e jubilamento. "Sinto meu trabalho desrespeitado, ao impor ao docente que não atenda a regras básicas do seu exercício profissional", critica o professor Malagueta. "Ao me impedir de exercer devidamente critérios de aprovação/reprovação, a decisão está invadindo a alçada do docente", justifica. "Fora a irresponsabilidade de aprovar eventualmente um discente que não deveria. Temos de lembrar que, um dia, ele exercerá a profissão que está cursando".



MANIFESTAÇÃO Estudantes se reuniram para acompanhar a sessão

FERNANDO SOUZA

#OrgulhoDeSerUFRJ

Rotina de medo, ruínas e insalubridade no IFCS-IH

RENAN FERNANDES comunica@adufrj.org.br

ão precisa nem entrar no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e do Instituto de História para começar a entender as péssimas condições de trabalho e estudo enfrentadas por professores, técnicos e estudantes. Plantas crescem nas paredes e tubulações de escoamento da água. As pare-

Muitas vidraças, quebradas. No esvaziado Centro do Rio, o entorno é inseguro. Principalmente, na saída dos cursos noturnos.

Por dentro do imóvel de quatro pavimentos e 14 mil m² de área construída, a sensação de insegurança é alimentada pelo risco de incêndio. A rede elétrica, do século passado, demanda uma ampla reforma. Em caso de sinistro, quem frequenta os três pavimentos superiores só tem dois caminhos para alcançar o térreo: uma elegante escadaria toda feita em madeira (!) e um apertado acesso de cimento, nos fundos do prédio.

O sistema elétrico antigo, unido à falta de recursos, repercute na falta de climatização da maioria das salas. A reportagem constatou muitos aparelhos de ar quebrados ou pendentes de manutenção e instalação adequada. E uma profusão de ventiladores velhos, insuficientes para refrescar as amplas salas dos institutos, com um pé

Nas salas, além do calor em dias muito quentes, docentes e alunos sofrem com o mobiliário antigo. A reportagem viu muitos quadros a giz e poucos quadros brancos de qualidade. Os docentes também encontram dificuldade para conseguir equipamentos de projeção.

Já a falta de água para beber nos dias de calor se tornou um problema recente do prédio. Um acidente com a caixa de gordura do restaurante universitário contaminou os bebedouros do prédio, em maio, e forçou a suspensão das aulas por vários dias. Nesta semana, desta vez por um problema de fornecimento da companhia no centro da cidade, a comunidade do IFCS-IH ficou novamente sem água na quinta-feira (20).

SFXTA-FFIRA, 21,6,2024

Estes e outros problemas que compõem o drama da comunidade do prédio são abordados nas páginas seguintes desta edição especial do Jornal da AdUFRJ.

POSSIBILIDADE DE INCÊNDIO COMO O DO MUSEU NACIONAL

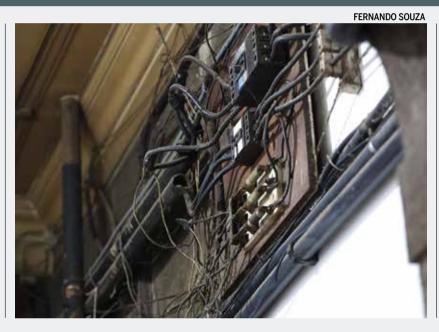
O receio que o IFCS-IH sofra um incêndio das mesmas proporções do Museu Nacional é constante. A rede elétrica defasada é o principal foco de preocupação de professores, técnicos e alunos que frequentam o prédio histórico do Largo de São Francisco.

"Já tivemos três princípios de incêndio em dois anos", afirmou o estudante Washington Yuri, do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Em um deles, no ano passado, começou a sair faísca de um

andar. "Alguém, por pura sorte, viu e desligou o disjuntor", disse.

No início deste semestre letivo, uma professora substituta do Instituto de História tomou um tremendo susto ao tentar ligar um dos ventiladores. O aparelho deu curto-circuito e a docente levou um choque muito forte. "Ela ficou muito assustada, mas continuou a aula mesmo assim, com o braço dormente ali na hora", afirmou o professor João Paulo Rodrigues, do IH.

Se algum destes "sustos" fugir ao controle e o prédio pegar fogo disjuntor antigo do quarto | nos pavimentos superiores, as



pessoas terão apenas duas opções para alcançar a saída: uma elegante escadaria toda feita em madeira e um apertado acesso nos fundos.

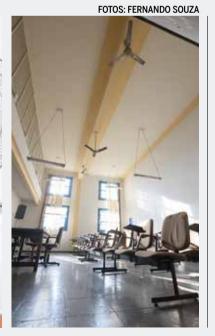
O professor Antonio Saturnino Braga, do departamento de Filosofia, revelou preocupação com as rotas de fuga do edifício. "É um medo com que convivemos aqui. Um tópico que deveria ser atacado prioritariamente. São feitos treinamentos e manutenção dos extintores, mas isso é paliativo. A questão das rotas de escape é muito grave", teme.

"SAUNAS" DE AULA

Não é fácil dar aulas em dias de calor. No verão, nem se fala. A rede elétrica antiga, somada à falta de recursos da universidade, impacta também a climatização do IFCS--IH. Não há aparelhos de ar--condicionado na maioria das salas. Parte dos que existem é apenas decorativa: os aparelhos estão completamente quebrados ou precisam de manutenção para voltar a

A solução encontrada é a instalação de ventiladores. Muitos, mas insuficientes para refrescar as amplas sa-





las do prédio histórico, com um pé direito altíssimo. Além de barulhentos, concorrendo com a voz dos professores.

"Os aparelhos de ar-condicionado que existem não funcionam e os ventiladores são velhos e ineficazes. Quando ligados, a gente se pergunta se é pior o barulho ou o calor", lamentou o professor Saturnino Braga.

A professora Adriany Ferreira de Mendonça, da Filosofia, conconcorda. "Nos dias de calor, a gente passa mal. É desumano. Ainda temos medo de ligar os ventiladores, porque podem cair do teto", disse.

FERNANDO SOUZA

INFILTRAÇÕES SÃO CONSTANTES

As infiltrações estão por | por vazamentos duas vezes, | toda parte. Ao lado do Salão Nobre, no segundo pavimento, existe uma cratera no teto do banheiro feminino. Na biblioteca, perto de uma estante do setor de periódicos, uma das paredes está bastante descascada pela ação da umidade. As obras são protegidas por um plástico improvisado.

Diretor adjunto de graduação do Instituto de História, o professor João Paulo Rodrigues já teve a sala afetada

em menos de seis meses: em novembro e abril. No episódio mais recente, detritos do teto ficaram espalhados pela mesa e pelo chão.

"O de novembro inundou a sala toda e vazou água para o corredor", disse. "Os armários, com documentos, ficaram mo-Ihados. Tivemos que abrir para secar. Mas os armários estão deteriorados. E perdemos o filtro de água, que pifou". O piso perdeu o sinteco e o cheiro de mofo só desapareceu por volta

de maio, segundo o docente. O mofo inviabiliza o uso de al-

gumas salas do edifício. É o caso da sala 107, no térreo, que não tem janelas de ventilação para a rua. O professor Pedro Vitor, da Faculdade de Educação, que trabalha no prédio ministrando o curso de Didática especial em História, foi alocado na 107 no último período e precisou buscar outro local para dar aula. "É impraticável. A sala parece um calabouço. Tem um cheiro de mofo muito forte, ninguém consegue ficar mais de 15 minutos

· 阿多斯 門 ·

ali. Eu e os alunos começamos a espirrar e tive que interromper a aula para procurar outra sala", contou.

A professora Isabele Mello, do IH, relacionou a falta de infraestrutura no prédio com um ambiente de desestímulo à continuidade nos cursos. Por vezes, me sinto constrangida em sala de aula. Como promover a continuidade na carreira acadêmica, na pós-graduação, quando o estudante observa as condições em que ele está assistindo aula e que seu professor está trabalhando?", questionou.

RISCO À SAÚDE NA BIBLIOTECA

Com quatro pavimentos e um acervo de 135 mil documentos, a biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos é um dos destaques do prédio. Mas a beleza das paredes de pedra, originais da construção do século XIX, esconde um risco à saúde de quem estuda e trabalha no local.

"As paredes estão se desfazendo, soltando um pó que é respirado pelos frequentadores", informa Sulamita Nicolau de Miranda, subchefe da biblioteca. "As pedras guardam o aspecto histórico dos anos 1800, mas estamos em 2024. É preciso um trabalho de recuperação, uma análise técnica de como estão essas paredes", afirma.

A demanda por mais tomadas é outro problema do espaço. "Hoje, os alunos estudam com tablets e notebooks. Precisamos de uma rede elétrica estável, mas não temos nem tomadas suficientes para oferecer. E as que temos são do padrão antigo, de dois pinos", conta Sulamita.



A falta de climatização também desafia quem trabalha e estuda no local. O aparelho de ar está quebrado. A reportagem do Jornal da AdUFRJ constatou o clima desconfortável na biblioteca na terça-feira, 18, dia em que a cidade registrou máxima de 34°C.

Mas as temperaturas altas também são prejudiciais ao acervo. "É uma questão de pre-

servação do patrimônio da universidade. Os livros expostos ao calor e às janelas abertas se deterioram com o tempo". aponta a bibliotecária.

O padrão determinado pelo manual de conservação de acervos bibliográficos da universidade estipula a temperatura ideal nas bibliotecas entre 19°C e 23°C e a umidade relativa do ar entre 50% e 60%.



ÁGUA CONTAMINADA

O episódio recente da crise de infraestrutura foi a contaminação da água dos bebedouros. O problema foi causado por um vazamento da caixa de gordura do restaurante universitário, em maio. Nas redes sociais, estudantes relataram mal estar, vômito, dor de cabeça e de barriga. As aulas foram suspensas até a normalização do serviço.

O bicentenário prédio do Largo de São Francisco conta com quatro bebedouros (um por andar) para atender a uma "população" de 157 professores, 93 técnicos e mais de dois mil alunos com matrícula ativa. E isso contando apenas as graduações do IFCS e do IH

Estudantes de Psicologia, Enfermagem e Odontologia também recebem aulas de Ciências Sociais ou Filosofia no local. Além disso, o bandejão localizado no térreo — que serve 800 refeições no almoço e 400 no jantar — serve o público das demais unidades da UFRJ no Centro.

Bem antes deste incidente, Adriany Ferreira, docente da Filosofia, já havia passado por uma experiência desagradável com os bebedouros. "Não tenho mais coragem de beber a água do IFCS. Tive problemas de saúde ano passado e nunca mais bebi", revelou.

A professora destacou a qualidade da água como uma condição básica para a permanência de estudantes nos cursos. "A



universidade tem que ser cada vez mais aberta e mais inclusiva. Agora, sem água potável, não tem restaurante universitário. O estudante, que por vezes vem de longe, fica sem água e sem comida", concluiu.

O IFCS-IH comporta oito banheiros — um deles interditado —, que não estão em boas condições. Um aviso no sanitário feminino do segundo andar dá a dimensão de como o problema é antigo. "Em 2016, o IH gastou mais de R\$ 6 mil com a manutenção dos banheiros. Em menos de seis meses, seis tampas de privada, um espelho e dois ganchos de bolsa foram quebrados", diz um trecho.

MOBILIÁRIO ANTIGO E PRECÁRIO

No Salão Nobre, no segundo pavimento, um bonito relógio de parede marca sempre a mesma hora: cinco para as duas. O tempo parece ter parado também quando se trata de mobiliário e equipamentos básicos para as aulas no prédio. Em várias salas, os professores precisam trabalhar com o tradicional quadro negro a giz. Há quadros brancos que só podem ser apagados, en-



tre uma disciplina e outra, pelos funcionários terceirizados, usando produtos de limpeza mais fortes. "Comecei a trabalhar no ensino básico em 2016 e nunca dei aula em uma escola com quadro negro. Como o IFCS ainda tem salas sem quadro branco?", questiona o professor Pedro Vitor dos Santos, da Faculdade de Educação. Pedro foi aluno do IFCS, mas ainda é surpreendido com a falta de estrutura do edifício.

"O IFCS funciona por meio de improviso e gambiarras. Os projetores instalados nas salas não funcionam. O departamento de Ensino de História tem um cedido pela Faculdade de Educação. Somos sete professores e a gente tem que fazer rodízio. Tenho uma aula sobre o uso da imagem na sala de aula e tenho que combinar com meus colegas para poder usar o projetor", lamentou.

INSEGURANÇA NA SAÍDA DO NOTURNO

Três cursos noturnos — bacharelado e licenciatura em História e a licenciatura em Ciências Sociais — funcionam no Largo de São Francisco, com disciplinas até 21h40 ou

22h. Mas não é incomum que os professores liberem as turmas antes por conta da insegurança no centro do Rio.

A professora Isabele Mello, do Instituto de História, expôs o

medo de alunos com a violência no entorno do prédio. "A questão da insegurança afeta principalmente os alunos do noturno. Vários estudantes já relataram assaltos no trajeto até os pontos

de ônibus ou o metrô", revelou. Uma alternativa para reduzir

os riscos seria a abertura do portão dos fundos do prédio, que dá acesso ao Largo Alexandre Herculano, próximo à Praça Tira-

dentes. "A liberação do portão facilitaria a vida dos estudantes. Mas por limitação de segurança e por necessidade de reformas não podemos usar a saída", acrescentou.

#OrgulhoDeSerUFRJ

Receita curta e prédio tombado dificultam gestão

> IFCS e IH têm menos de R\$ 400 mil anuais para administrar o cotidiano do prédio e todas as grandes obras precisam passar pelo crivo do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional

rem nas paredes e acabar com

a maioria das infiltrações. A

direção estima o prazo de um

A administração do prédio soli-

cita rotineiramente aumento do

efetivo da PM na praça, princi-

palmente após as 21h, com o 5º

BPM. O pedido é atendido por

um tempo, mas os policiais aca-

bam sendo remanejados.

ano para ser concluída.

KELVIN MELO

kelvin@adufrj.org.br

ntre as 77 construções avaliadas pelo Escritório Técnico da Universidade (ETU) no ano passado, o prédio compartilhado entre o IFCS e o Instituto de História figurou em quinto lugar entre as mais deterioradas. Falta de orcamento, entraves burocráticos da administração pública e a dificuldade extra da realização de obras em um prédio tombado ajudam a explicar o resultado e os desafios dos gestores.

A tão sonhada reforma elétrica da edificação, perto de sair do papel graças a um acordo com a prefeitura, é fruto de um complexo processo iniciado há quase três anos. Uma semana antes de assumir a direção do IFCS — instituto responsável pela administração do prédio -, em setembro de 2021, o professor Fernando Santoro tomou conhecimento de uma vistoria de segurança do município que apontava os problemas infraestruturais da edificação. "A primeira coisa que fiz foi solicitar a abertura do processo de reforma elétrica. O processo começou no dia da minha posse".

Mas o calvário da gestão com a burocracia também começou naquele momento. O diretor foi informado de que os processos só poderiam ser disparados com a indicação de recursos — que não existiam. "Era um absurdo. Você não podia abrir o projeto porque não tinha a previsão orçamentária e você não conseguia a previsão orçamentária porque não tinha projeto". Após uma negociação com a reitoria, a situação foi finalmente destravada para a direção do IFCS conseguir incluir a previsão de todas as reformas no planejamento de compras para 2023.

Os empecilhos não pararam por aí. Para a realização de grandes obras no prédio do Largo de

1962, é necessária a autorização do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional. Só que o Iphan quer derrubar o terceiro e quarto pavimentos da edificação, construídos no século XX. "Eles escolheram arbitrariamente um dos momentos históricos do prédio, que já foi Academia Real Militar, Escola Politécnica e Escola de Engenharia.Esse projeto impedia qualquer reforma nos terceiro e quarto andares, que estavam condenados, digamos assim, pelo Iphan".

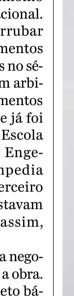
Após mais uma delicada negociação, o órgão autorizou a obra. "O Iphan aprovou o projeto básico com o argumento de que, sem essa reforma emergencial elétrica, também o primeiro e o segundo andares estavam em perigo. Afinal, se começa um problema no terceiro ou quarto andar, destrói o prédio inteiro", afirma Santoro.

REFORMA ELÉTRICA

O custo estimado da reforma elétrica era de R\$ 3 milhões. Hoje, com o projeto quase pronapenas R\$ 268 mil. Daí a parreforma das fachadas.

O diretor enfatiza que esta será uma reforma elétrica emergencial. "Vamos ainda precisar das ramificações finais. Isto é, colocar em situação regulamentar, sobretudo, os aparelhos de ar-condicionado". A direção conta com uma emenda parlamentar do deputado Glauber Rocha, de R\$ 1,5 milhão para ajudar nesta parte.

FACHADA E INFILTRAÇÕES



to, está em R\$ 6,5 milhões. "Obviamente superior ao que temos no orçamento participativo (receitas que unidades e decanias têm para despesas correntes)", informa o diretor. O IFCS tem ceria com a prefeitura do município, que também vai fazer a

O diretor ainda aguarda laudo do Escritório Técnico Universitário sobre o problema dos bebedouros. A prefeitura Universitária reformou a caixa de gordura do restaurante e cedeu uma cisterna complementar para normalizar o serviço. Falta fazer a impermeabilização e higienização da cisterna original do prédio, o que aguarda

A reforma da fachada, já aprovada pelo Iphan em 10 de junho, de autorização do Iphan, de deve promover a limpeza das São Francisco, tombado desde | tubulações de água que cor-

aguarda licitação na Pró-reitoria de Finanças; a segunda parte, que depende do Iphan, envolve as estruturas hidráulicas. O prédio conta com brigadistas, 24 horas por dia, sete dias por

SANTORO: "A primeira coisa que fiz foi solicitar a abertura do processo de reforma elétrica"

DECANIA

Em parceria com o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) — ao qual o IFCS e IH são vinculados — mantém um contrato de manutenção de redes elétrica e hidráulica para todas as suas unidades (nove, ao todo). "Para o emergencial, a gente tem uma equipe", afirma o decano, profes-

sor Vantuil Pereira. Desde 2020, por imposição do governo em todo o serviço público federal, a universidade precisou reduzir suas unidades gestoras de 30 para 19. No caso do CFCH, houve centralização dos gastos na decania, mas o planejamento é das unidades. "Quem diz onde vai gastar é a unidade", diz o decano. O Censinalização em caso de sinistro, | tro montou um calendário e | pletou.

cada instituto ou faculdade tem prazos específicos para indicar quanto quer comprar de cada item. Por exemplo, ventiladores. O CFCH soma tudo e faz uma compra única, com o valor que as unidades ganham de orçamento participativo.

"Existe uma limitação dos órgãos do controle que você não pode fazer uma mesma compra duas vezes no ano. Se eu comprei datashow no dia 1º de janeiro, eu não posso comprar outro datashow no dia 1º de fevereiro", esclareceu Vantuil.

O dinheiro é escasso. O CFCH tem R\$ 331 mil para dar conta do prédio próprio, do aulário (junto do CCJE) e da biblioteca, no campus da Praia Vermelha, além do contrato de manutenção (que custa aproximadamente R\$ 80 mil). "Se somar o orçamento do IFCS (R\$ 268 mil) e do IH (R\$ 87 mil), ele é superior ao da decania", exemplificou Vantuil. "Ano passado, tivemos que fazer uma reforma no piso do aulário, que custou R\$ 300 mil. A reitoria que pagou", com-

FONTES: IFCS e IH e ETU

Área construída: : 14.833 m²

· INSTITUTO DE HISTÓRIA

RAIO-X DO PRÉDIO

- **Professores**: 52 efetivos
- e 14 substitutos
- Técnicos: 28
- Alunos de graduação: 1.008
- Alunos de pós: 300 (aprox.)
- 2 cursos de graduação: bacharelado em História e licenciatura
- em História (ambos integrais e noturnos) • 3 programas de pós: PPGHIS e PPGHC (acadêmicos)
- e o ProfHistória (profissionalizante)
- 13 ações de extensão: 9 projetos, 3 cursos e 1 evento

Internacionalização: acordos com 7 universidades estrangeiras

• IFCS

Uma parte que não depende

- **Professores:** 79 efetivos
- e 12 substitutos
- **Técnicos:** 65 (sendo 13 do Sistema de Bibliotecas)
- Alunos de graduação: 1.186
- Alunos de pós: não informado
- 4 cursos de graduação: Bacharelado em Ciências Sociais; Bacharelado em Filosofia;

- Licenciatura em Filosofia; Licenciatura em Ciências Sociais (apenas esse é noturno)
- 3 programas de pós: Programa de pós graduação em Filosofia/PPGF; Programa de pós graduação em lógica metafísica/PPGLM; Programa de pós graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA.
- 33 ações de extensão: 18 projetos, 11 cursos, 3 eventos, 1 programa. Internacionalização: acordos com 22 universidades estrangeiras.

Saem as palavras, entram as barricadas

> Bloqueio a salas do IFCS/IH gera clima de tensão na unidade, que já tem até protocolo de convivência na greve. Lideranças estudantis defendem estratégia

ALEXANDRE MEDEIROS

comunica@adufrj.org.br

a manhã de terça--feira (18), a estudante Giovana Pereira, do 5º período de Ciências Sociais, foi ao gabinete do diretor do IFCS, professor Fernando Santoro, para reclamar da barricada que bloqueava a entrada da sala 402-A, onde sua turma teria uma aula de Antropologia II. O bloqueio era recente, a aluna levou fotos de antes e depois da instalação da pilha de cadeiras que fechou o acesso à sala. "Os bloqueios impedem as pessoas de entrarem nas salas. O professor queria dar aula, mas o bloqueio impediu", protestou ela.

Na terça e na quarta-feira (19), equipes do Jornal da AdUFRJ constataram que as barricadas feitas com cadeiras bloqueiam o acesso a diversas salas de aula no 3º e no 4º andar do prédio do IFCS/IH. O método tem gerado questionamentos por parte de alunos que não aderiram à greve estudantil e de professores.

As direções do IFCS e do IH têm tentado dar suporte aos professores e aos alunos que desejam ter aulas. Na segunda-feira (17), a direção do IFCS divulgou um protocolo de convivência durante a greve. "A direção entrou como garantidora de que impedimentos físicos, como cadeiras, seriam retirados pelos seguranças sempre que estudantes e professores precisassem transitar nas salas e exercer o direito de frequentar aulas. Os representantes estudantis asseguraram que, respeitando suas formas horizontais de deliberação e organização, seus piquetes seriam de persuasão e não de coerção ou qualquer forma de violência", diz o comunicado.

Entre as diretrizes do protocolo constam que as "as aulas continuarão a ser ofertadas presencialmente aos alunos que comparecerem"; que "ações de assédio, coerção ou violência devem ser reportadas à Comissão de Prevenção e Combate ao Assédio e, conforme o caso, serão tratadas em Processos Administrativos Disciplinares"; e que "será assegurado aos docentes o livre exercício de seu trabalho e, em caso de ausência de alunos na turma, a aula será contabilizada sem compromisso de reposição". Muitos professores temiam ter

que repor aulas. "Sinto que há um sentimento generalizado entre os professores de que a greve estudantil é legítima, que as pautas são justas. Estamos todos, alunos, professores e técnicos, imersos em situações emergenciais, em várias dimensões. E todos buscam formas de enfrentar isso. Mas há um desconforto em relação aos bloqueios, inclusive entre alunos, que não se sentem à vontade em ir às aulas. Isso tem gerado certa contrariedade em alguns professores, temerosos de terem que repor aulas que não se recusaram a dar", reflete a professora Thais Aguiar, do Departamento de Ciência Política. Segundo Thais, outros aspec-

tos em relação à greve devem ser considerados. "Há uma preocupação institucional com a universidade, que vem tendo seu papel questionado pela direita e enfrenta problemas como a evasão estudantil. A gente vê nossas salas de aula se esvaziando. Se antes da pandemia tínhamos disciplinas optativas com 20 ou 30 alunos, hoje são cinco, dez. Isso para um professor é muito duro. Espero que busquemos entendimentos para construir outro ambiente".

BLOQUEIOS

Para o diretor do IFCS, o uso de barricadas é um símbolo da crise política por que passa a unidade. "Quando a política começa a ser feita com forças de constrangimento, como cancelamentos e pressões, aí saímos do campo da política democrática para entrar no plano da disputa, da guerra. E nesse plano as coisas não se resolvem mais com a palavra, com o entendimento. Se perdemos a palavra como instrumento político, nós perdemos a coesão comunitária. Estamos num período assim", observa Santoro.

lavra esteja sendo substituída pelas barricadas. "Se não é a paum ato violento".

#OrgulhoDeSerUFRJ

fendem a estratégia. "A greve estudantil foi deflagrada em assembleia, onde também foi votado o uso de piquetes nas salas de aula, impedindo a passagem. A gente utiliza esse meio para conversar com os estudantes que aparecem, o que raramente vem acontecendo porque poucos estudantes estão indo às aulas. Quem aparece para a aula a gente conversa e a maioria entende a questão da greve, respeitando a decisão coletiva", diz o estudante Washington Yuri, dirigente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACS).

e enviar aos seus departamen-

lavra que traz a adesão dos colegas, mas o assédio, o bloqueio, o impedimento físico, isso é sinal de crise. Há inclusive uma confusão semântica. Muitos estudantes estão chamando as barricadas de piquetes. O piquete é um ato de persuasão, como os trabalhadores nas portas das fábricas convencendo seus companheiros a aderir à greve. Mas estão chamando de piquete o que são barricadas, montes de cadeiras impedindo as pessoas de passar, de entrar em sala de aula. Isso não é uma ação política pela palavra. Uma barricada é um artefato de tática de guerra,

Os dirigentes estudantis de-

Arthura Rocha, que atua na gestão do CACS, também defende os bloqueios. "Com os piquetes a gente tem a chance de conversar com os estudantes dispostos a ter aulas. Hoje (quinta-feira, 20) aconteceu com dois alunos que vieram para ter aulas e decidiram voltar. A gente até sugere aos professores fazer fotos dos piquetes



tos, reforçando que estamos aqui como testemunhas, já que havia o temor de sanções aos que não ministrassem as aulas. A greve estudantil é legítima e reconhecida pelo CEG".

INCIDENTE O clima é de tensão mesmo onde não há barricadas. Na quinta-feira da semana passada (13), uma aula de História Medieval teria sido invadida e interrompida na sala 106. Segundo relato divulgado pela direção do IH, o professor Markos Klemz, do Departamento de Filosofia, teria destratado a professora Josena Ribeiro, substituta de História Medieval. O professor nega as acusações e se diz vítima de difamação.

O diretor do IH, professor Antônio Carlos Jucá, classificou o episódio como "gravíssimo". "Sou professor universitário há 28 anos, tenho 20 anos de UFRJ e nunca vi nada assim. Já vi aluno invadindo aula para protestar. Mas um professor universitário invadir uma aula de uma professora que estava numa sala e num horário designados para ela? Ela estava absolutamente regular e ele invadiu a sala, criou um clima em que ela se viu na obrigação de sair, porque ele foi ofensivo, ele a destratou".

O professor garante que pedirá a abertura de um PAD contra Markos Klemz. "Isso não pode ficar impune. Quando afeta a professora Josena, afeta a todos nós. É uma invasão, um desrespeito à atividade docente. Há duas coisas que faço questão de marcar. A primeira é que isso é um assédio moral, ela é uma jovem professora substituta, está numa posição mais fragilizada. A segunda é que é uma atitude sexista, é uma violência de gênero. Ele não faria isso comigo ou com outro professor homem".

Procurada pelo Jornal da AdUFRJ, a professora Josena Ribeiro preferiu não comentar o incidente. "Sou nova na UFRJ, passei por essa situação de acossamento e acho melhor não me expor". O caso ficou público por meio de uma postagem da direção do IH no Instagram no dia 17. "Trata-se de um caso gravíssimo de ataque à atividade acadêmica por parte de um docente, caracterizando assédio moral e violência de gênero, tanto pela invasão quanto pela forma como ele se dirigiu à professora. (...) Encaminharemos ainda hoje solicitação de abertura de PAD (Processo Administrativo Disciplinar) contra o professor Markos Klemz".

No dia 18, o Comitê de Greve do IFCS, os CAs de Filosofia e Ciências Sociais e o DCE manifestaram em postagem no Instagram "indignação conjunta diante da atitude vexatória e difamadora assumida deliberadamente pela direção do IH contra o professor Markos Klemz".

O professor nega as acusações. "Estou bem abalado desde que essa nota difamatória foi divulgada. Ela teve um poder de manchar a minha reputação como eu nunca vivi. Sou professor no Serviço Público desde 2011. Faço política desde o grêmio da escola. Nunca sofri esse tipo de perseguição. Jamais eu invadiria a aula de um colega profissional", argumenta Klemz.

Ele diz que foi convidado pelos

estudantes a participar de uma

atividade de greve na sala 106. "Jamais chamaria essa colega de qualquer coisa, muito menos de fura-greve. Não faz sentido, os professores não estão em greve na UFRJ. Fui convidado para uma roda de conversa. Cheguei às 15h05, e já havia pessoas sentadas na plateia, como ela, que se apresentou como professora de História Medieval. Eu segui conversando com alguns estudantes, surgiu um papo sobre a greve no IFCS, e comentaram que uma professora tirou as cadeiras da porta para dar aula. Comentei que achava melhor tentar dialogar do que burlar a mobilização dos estudantes. Ela ouviu isso e se exaltou, disse que não estava burlando nada. Eu nem estava me referindo a ela. mas a uma situação geral. Aí ela se retirou da sala", relata.

"Ela ter se sentido ofendida com a situação e procurar a direção do IH para fazer queixa é legítimo. O que me provoca indignação é a direção de um instituto fazer um post de rede social sem me contactar. O post é uma peça de difamação, o dano que já foi feito eu não vou conseguir desfazer", completa.

Decano do CFCH, o professor Vantuil Pereira é taxativo sobre o incidente da sala 106. "Se há uma denúncia, tem que ser apurada. Antes do PAD há um inquérito preliminar para que as partes sejam ouvidas. Minha posição é de condenar qualquer ato de violência, de sempre buscar uma solução civilizatória".

Vantuil está articulando uma reunião com todos os segmentos do IFCS. "Tenho buscado conversar com as direções do IH e do IFCS e com os estudantes para estabelecer uma posição intermediária, reconhecendo o direito dos estudantes, por um lado, e o direito de quem quer dar aulas. Tenho pedido aos estudantes para não fazerem barricadas".

O decano acredita que um diálogo franco pode ajudar a amenizar o clima no IFCS. "A greve estudantil é um processo que mostra a sociedade viva, isso é positivo. O que merece reflexão é a colocação das barricadas. Para chegar a esse limite, houve antes uma tentativa de entendimento? A barricada dificulta o acesso e o direito de ir e vir. Vamos apostar no diálogo".

QUARTEIRÃO CULTURALÉ PRÓXIMO SONHO POSSÍVEL

> Parceria entre o IFCS, a Igreja de São Francisco de Paula e o Real Gabinete Português de Leitura traz promessa de revitalização aos largos de São Francisco e Alexandre Herculano, no Centro do Rio

SILVANA SÁ silvana@adufrj.org.br

ão é surpresa que o Centro do Rio é a expressão da arte e da história do país. Alguns cantinhos, no entanto, concentram enorme riqueza cultural, por vezes esquecida, abandonada à própria sorte. É o caso, por exemplo, da degradada região do Largo do São Francisco de Paula, no Centro do Rio, onde se localiza o prédio histórico que abriga o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e o Instituto de História da UFRJ. Mas essa realidade está com os dias contados.

Ao menos esse é o projeto do professor Fernando Santoro, diretor do IFCS e idealizador do Quarteirão Cultural Literário João do Rio, ambicioso projeto que reúne instituições vizinhas ao instituto para a revitalização da região.

A ideia é constituir a Fundação Cultural João do Rio, com a união do IFCS, do Real Gabinete Português de Leitura e da Igreja de São Francisco de Paula. "Essas seriam as instituições fundadoras, por assim dizer, mas teríamos apoios da Prefeitura do Rio, do BNDES e do Iphan, por se tratar de uma região histórica", conta o professor Fernando Santoro.

As conversas estão avançadas. "Já no próximo mês deveremos nos debruçar sobre os documentos de criação da fundação", conta. Advogados atuam na formulação das características da associação. O prazo para o início do funcionamento da instituição sem fins lucrativos ainda é indefinido. "Dependemos de burocracias e outros atores externos que não nos permitem, ainda, ter uma previsão da efetiva criação da fundação".

Depois de criada, a associação permitirá a captação de recursos para a criação de um alojamento estudantil, um restaurante universitário e um abrigo para pessoas em vulnerabilidade social. "A associação fará a manutenção desses espaços e a animação cultural do Largo Alexandre Herculano, que fica nos fundos do IFCS", conta Santoro. A praça é rodeada pelo Real Gabinete e o Teatro João Caetano. Fazem parte também do grande quarteirão a Biblioteca Marina São Paulo Vasconcelos, uma das mais importantes do mundo na área das Hu-







PROJETO prevê a revitalização da região onde está o IFCS, com destaque para novas construções na

manidades.

"Temos ali um espaço maravilhoso, mas muito maltratado. Queremos criar uma região voltada para os estudantes. Vamos buscar convênios com todas as universidades públicas do Rio de Janeiro, para que os alunos não só da UFRJ. mas de todas as instituições públicas possam utilizar tanto o restaurante, como o alojamento", explica o professor. "Ao mesmo tempo que contribuiremos para a revitalização do Centro do Rio, incidiremos numa importante área, que é a permanência estudantil", defende Santoro.

Além da intervenção física do quarteirão, o prédio tombado do IFCS também será beneficiado. "O edifício não foi criado para abrigar um bandejão que fornece 800 refeições por dia. Os problemas de água que tivemos são, em grande medida, decorrentes dessa sobrecarga", avalia o diretor do IFCS.

REVITALIZAÇÃO DA FACHADA

Corre em paralelo, em fase de pré--licitação, a reforma da fachada do prédio do IFCS-IH. O projeto já foi autorizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (Iphan), responsável por prédios tombados. A contratação do serviço será da Prefeitura do Rio e será acompanhada pela Coordenação de Preservação do Patrimônio Tombado (Coprit), do Escritório Técnico da Universidade.

O arquiteto Leonardo Santos, coordenador da Coprit, diz que a reforma tem previsão de durar pelo menos um ano, depois de contratada a licitação. "Embora não seja uma restauração completa, é uma obra de grande porte, complexa, até pelo tamanho da edificação, com muitos andaimes e intervenção nas calçadas", justifica.

Ele explica a diferença entre as duas modalidades de reforma. "Uma restauração envolve tempo maior, mais recursos e mais pessoas especializadas. As esquadrias são todas retiradas, desmontadas, recuperadas separadamente, por exemplo", diz. O que será feito no IFCS tem outra proposta. "Temos o mapeamento de danos e as especificações técnicas de tudo que precisará ser feito para melhorar a estanquidade do edifício".

Os valores previstos para as obras não

foram divulgados pelo ETU, uma vez que a licitação ainda não foi lançada. "Há muitos dados sensíveis que não podem ser publicados ainda. O valor é uma dessas informações", justifica o arquiteto.

A reforma elétrica será a próxima obra. "O projeto já está em fase final e a obra elétrica é a próxima etapa da parceria entre a UFRJ e a Prefeitura", finaliza.